

A excelência da história ou a história da excelência? Um exemplo da expansão do ensino superior do Brasil

Ana Lúcia da Costa Silveira <sup>1</sup>

**Resenha bibliográfica**

BARBOSA, Antonio de Pádua Gomes; MESQUITA JR., José Maria; SILVEIRA, Paulo César Xaxier da. *Sua excelência o excedente: A história da criação de uma faculdade brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRRJ, 2009.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no rol das atividades envolvendo as comemorações relativas à data de seu centenário, lançou, por meio de sua Editora Universitária (Edu), o livro *Sua excelência o excedente (A história da criação de uma faculdade brasileira)*, escrito por três ex-alunos da primeira turma de Engenharia Química da instituição, diplomada em 1969.

Grosso modo, a recuperação histórica presente na obra é composta por reminiscências, muitas vezes pessoais, a respeito da luta pela conquista das vagas para aprovados mas não classificados no vestibular da Escola Nacional de Química (localizada atualmente na Universidade Federal

---

<sup>1</sup> Doutoranda do CPDA/UFRRJ e professora de Literatura do Colégio Técnico da UFRRJ. E-mail: analucia\_ctur@terra.com.br.

do Rio de Janeiro/UFRJ), realizado em 1966, e do cotidiano destes alunos ao serem remanejados para a então Universidade Rural do Brasil (posteriormente chamada de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Ampliando este alcance temático, a leitura da obra proporciona a retomada de duas referências analíticas relativas não somente àquela época, mas a praticamente toda a historiografia do acesso ao ensino superior brasileiro, que são: a representação de tal ensino como mecanismo de ascensão social e a sua conseqüente massificação. No que tange mais especificamente à UFRRJ, surge ainda uma outra referência analítica: a pulverização, para outras áreas de conhecimento, de seu perfil acadêmico originalmente vinculado à área das ciências agrárias.

Lida a partir dessas referências fundamentais, a obra de Antonio de Pádua, José Maria e Paulo César ganha um inestimável valor para os que se dedicam a estudar mais amiúde o contexto de expansão do ensino superior brasileiro nos anos 1960 e seus efeitos nas instituições ditas “rurais”. Em sua generalidade, o livro, na forma de pequenas narrativas divididas em seus numerosos mas breves 46 capítulos, não traz para si a tarefa de aprofundar maiores reflexões teóricas sobre as configurações das universidades, principal referência de instituição de ensino superior, mas oferece aos leitores interessados em fazê-lo o contexto empírico necessário na execução da tarefa.

Direcionando o foco da leitura para semelhante fim, os capítulos do livro podem ser divididos pelo leitor em dois blocos. O primeiro iniciaria em “Os anos 60” e iria aproximadamente até “O anúncio da Rural” (como os capítulos não são numerados, a localização deste primeiro bloco se situa entre as páginas 20 e 104). O segundo prosseguiria a partir da página 104 e, indo até a página 197, apresenta capítulos com títulos como “O choque na Rural”, reveladores de que houve certa dificuldade de integração entre os perfis dos cursos tradicionais, vinculados à área das agrárias, e o curso novo, primeiro de uma série de outros que mudariam a diretriz acadêmica original da UFRRJ.

No primeiro bloco de capítulos, os relatos privilegiam a narrativa da saga de um grupo composto por trezentos jovens aprovados mas não classificados no vestibular para o curso de engenharia química da Escola Nacional de Química no Rio de Janeiro. Os jovens com tais

características eram chamados de *excedentes*, denominação esta que simbolizou um dos maiores percalços das esferas governamentais ligadas à educação brasileira no contexto dos anos 1960.

Pelo protagonismo destes excedentes na composição das narrativas apresentadas em *Sua excelência o excedente*, fato revelado até mesmo no título, a apresentação da obra requer um maior aprofundamento a respeito do tema, cuja origem pode estar localizada nos processos de urbanização e industrialização do pós-1930, ocasião em que as esferas médias se consolidam e melhoram a sua posição nas relações de classe. Este fato enfraqueceu a antiga polarização do ensino superior nas elites dos grupos dominantes, posto que as camadas intermediárias passaram a requerer do ensino superior condições de consolidação de vantagens nos planos econômico, social e cultural. Concretamente, este panorama se traduziu no aumento das matrículas em escala inesperada no ensino secundário, não acompanhado de um aumento em igual proporção no ensino superior, o que congestionou o acesso a este último e implicou, entre outros desdobramentos, o surgimento dos excedentes e a dificuldade dos governantes em solucionar os problemas decorrentes da existência deles, daí a expressão “percalço” empregada no parágrafo anterior. Como tentativa de solucionar o problema, agravado com a chegada dos anos 1960, os debates sobre a necessidade de reformar o ensino superior se intensificam, convertendo-se em dimensão histórica de “movimento social” e culminando na Reforma Universitária de 1968, propiciadora de um dos mais relevantes momentos de expansão de vagas no ensino superior brasileiro.

*Sua excelência o excedente* apresenta, a partir de fatos da história real, a concretização empírica das dificuldades de acesso ao ensino superior. Os capítulos do primeiro bloco consistem no relato da cronologia do movimento organizado por aquele grupo de excedentes e suas famílias. Na luta empenhada, realizaram reuniões com burocratas da administração pública, entre eles o Ministro da Educação e Cultura Pedro Aleixo; alimentaram a imprensa com notícias sobre a mobilização (os jornais do Brasil, do Commercio, Diário de Notícias e O Globo deram ampla divulgação ao fato com manchetes do tipo “Química aprova, mas não tem vagas para centenas”); promoveram uma entrevista com alguns excedentes transmitida pela ainda incipiente TV Globo e, quando

perceberam que o ano letivo de 1966 se iniciava sem solução alguma para o problema, decidiram acampar no pátio do Palácio Capanema, episódio que durou 11 dias e rendeu várias páginas deste primeiro bloco de capítulos, culminando com a expulsão sem violência dos acampados pelos soldados do regime militar.

A transição do primeiro para o segundo bloco se dá com a narrativa de que a repercussão das ações de mobilização promovidas pelo grupo dos excedentes finalmente surtira efeito junto ao governo, que conseguiu remanejá-los para a Universidade Rural do Brasil e para a Universidade Federal do Paraná. Enquanto nesta última o curso de engenharia química já existia desde 1954, na outra o curso fora criado especificamente para atender às necessidades de matrícula daqueles engajados excedentes do vestibular de 1966.

Como o objetivo principal do livro consiste em relatar as recordações da luta pelas matrículas guardadas na memória do grupo remanejado para a Universidade Rural do Brasil, o espaço da narrativa se desloca, no segundo bloco de capítulos, para o km 47 da antiga estrada Rio-São Paulo, local onde o *campus* desta instituição era sediado. Neste momento, a narrativa dos três autores passa a enfatizar as dificuldades de inserção de um grupo de jovens majoritariamente oriundos da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, com um perfil mais urbano, em uma instituição que, de acordo com pesquisas realizadas sobre a sua história neste período, recebia alunos de diversas regiões do Brasil, boa parte deles advinda de zonas rurais, possivelmente pela oferta de cursos vinculados apenas à área das ciências agrárias: agronomia, veterinária, educação familiar, educação técnica e engenharia florestal.

Nesse sentido, é revelador o título do primeiro capítulo do segundo bloco: “O choque”. As dificuldades envolviam basicamente a integração com o pessoal dos outros cursos: “Os estudantes da Rural, em sua maioria, caracterizavam-se por sua ligação com o campo (...) o que contrastava fortemente com a cultura mais urbana dos excedentes (...). Os originários da Rural se consideravam *os autênticos*, com direitos adquiridos; os ex-excedentes eram *os modernos*, que se achavam superiores por serem da cidade e se considerarem mais atualizados que os do campo” (p. 112-113).

A questão das verbas destinadas à manutenção do recém-criado curso igualmente provocava disputas entre as áreas hegemônicas/tradicionais e as pouco consolidadas: “Mesmo com a regularização do curso junto ao MEC, as verbas do governo continuavam a chegar à Escola de Química através de repasses da Agronomia e da Veterinária (...). Essa situação não era nada agradável (...) sempre encarada como um favor” (p.129). Até nos esportes, as rivalidades se firmavam: “Os esportes eram dominados pela Veterinária e pela Agronomia que, ciosos da sua superioridade, não abriam mão dessa posição” (p.143).

Relatadas as dificuldades iniciais referentes à chegada dos excedentes, a narrativa caminha para o desfecho com a citação de episódios envolvendo embates entre os alunos da Rural e o governo militar e a referência a casos corriqueiros, alguns até engraçados, como o do capítulo “Um padre na Rural”. Ao final, o leitor é agraciado com um variado caderno de fotos, alguns breves relatos e análises sobre a trajetória dos alunos após a formatura em 1969 e, por fim, com uma coletânea de textos anexos que compõem a história dos protagonistas/excedentes, entre eles cópias de convites para os bailes que promoviam, do decreto que reconheceu o curso em 1969 e de poemas sobre a luta do grupo na conquista das vagas.

De inegável valor histórico, a obra se soma a algumas outras que vêm sendo publicadas na tentativa de resgatar, com fins comemorativos, a história da centenária Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A questão é que o resgate da história de uma instituição de ensino não se dá isoladamente, sem relações com a história da educação no Brasil. Difícil ler as vivências mencionadas sem refletir a respeito da estrutura funcional das universidades brasileiras e de seu papel na superação da dependência cultural e do subdesenvolvimento educacional. O problema dos excedentes nos anos 1960, entre outros, resultou em um processo de expansão nas universidades que muito se distanciou deste papel almejado.

No que tange à UFRRJ, o curso de Engenharia Química foi o primeiro a desencadear um processo de criação de vários outros com vínculos pouco estreitos não só com a representação do rural tradicional agrícola, motivador da consolidação da instituição como referência no ensino e pesquisa agrônômicos até os anos 1960, mas também da representação

do rural multifuncional, que engloba não mais somente a dimensão agrária, como também a cultural, religiosa, artística, ambiental, entre outras.

Há quem perceba, neste processo de expansão de cursos e diluição de seu perfil rural, um enfraquecimento da vocação nacional da UFRRJ, com visível perda na qualidade de seu ensino. Não é essa a visão passada pelos autores de *Sua excelência o excedente*. Ao contrário, ao usarem um pronome de tratamento no título de sua obra, realizam um polissêmico e criativo jogo de palavras, na medida em que o termo “excelência” pode ser interpretado ora como sendo os burocratas do governo responsáveis pela criação e solução do problema dos excedentes, ora como sendo a excelência na qualidade do ensino ministrado no novo curso, que, segundo relatado na obra, formou com louvor quase todo o grupo dos excedentes, proporcionando-lhes um brilhante percurso profissional.

Historiadores acostumados a trabalhar com o resgate dos fatos a partir da memória de seus protagonistas ainda vivos normalmente alertam que o saudosismo comumente impregna os relatos, criando narrativas que veem o passado de modo tendenciosamente positivo. Não cabe aqui julgar ter sido este o caso da obra que conta “a história da criação de uma faculdade brasileira”. Investigações acadêmicas a respeito do modo como tem se dado a criação não só das faculdades, como também de boa parte das universidades brasileiras desde aquela época, respondem com mais propriedade qual tipo de “excelência” dominou este processo de expansão. Mas, no que tange ao relato do livro aqui resenhado, convém, pela comoção proporcionada entre os atores envolvidos no resgate deste passado, que a “excelência” como sinônimo de primazia constitua a interpretação mais adequada para tão saudosa narrativa.

**Artigo recebido para publicação em:**

10 de abril de 2010.

**Artigo aceito para publicação em:**

06 de junho de 2010.